



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA

AFRO - BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

Licenciatura Plena em Pedagogia

Abdu Moreira Martins Guadalupe

AQUI NÃO TEM PANINAS?

**UM ESTUDO SOBRE LGBTFOBIA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE (STP) NA
PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES SANTOMENSES NA UNILAB-CE**

FORTALEZA-CE

2021

Abdu Moreira Martins Guadalupe

AQUI NÃO TEM PANINAS?

**UM ESTUDO SOBRE LGBTFOBIA EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE (STP) NA
PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES SANTOMENSES NA UNILAB-CE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro – Brasileira Como requisito parcial para obtenção do título De Licenciado em Pedagogia. Orientador: Segone Ndagalila Cossa

FORTALEZA-CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Guadalupe, Abdu Moreira Martins. G944a

Aqui não tem paninas?: um estudo sobre lgbtfobia em São Tomé e Príncipe STP na perspectivas dos estudantes santomenses na UNILAB / Abdu Moreira Martins Guadalupe. - Redenção, 2022.

26f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa.

1. Diversidade sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 306

Abdu Moreira Martins Guadalupe

Aqui não tem paninas?

**Um estudo sobre LGBTFOBIA em São Tomé e Príncipe (STP) na perspectiva dos
estudantes santomenses na UNILAB-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à Coordenação do Curso de Graduação em Licenciatura
Plena em Pedagogia, da UNILAB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ____/____/____.

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Segone Ndagalila Cossa (Orientador)

UNILAB

Professora Dra. Joalice Santos Conceição

UNILAB

Professor Dr. Luís Carlos Ferreira

UNILAB

RESUMO

O objeto do presente estudo visa, a partir de revisão teórica, compreender todo um contexto histórico e social em São Tomé e Príncipe (STP), que permite ou não a construção de políticas públicas que defendam a diversidade sexual. Também se pretende, a partir da perspectiva de estudantes são tomenses, ter um entendimento como estes abordam sua sexualidade; falar sobre a sexualidade construída e aprendida, por estes, a partir de diferentes agentes socializadores: família, comunidade, grupo étnico, escola entre outros.

Importa frisar que a diversidade sexual é um assunto muito delicado no país em questão e, de certa forma, há um enorme silêncio no tocante à comunidade LGBTQI+. Será que existe alguma lei que proteja o direito à diversidade sexual? Especificamente, tal lei promove o respeito e aceitação à população LGBTQI+? A discriminação social baseada na orientação sexual ou na identidade de gênero continua a ser um problema para a sociedade santomense? Será que em STP há constitucionalmente o direito à livre orientação sexual? A abordagem metodológica adotada no presente estudo é qualitativa, com ênfase na etnografia e, a partir desta, triangulou-se instrumentos e técnicas de coleta de dados qualitativos: questionário semi-aberto e entrevista semiestruturada. Temos como campo físico e geográfico à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, UNILAB – campus de Redenção – CE.

Os /as sujeitos/as da pesquisa são os/as estudantes santomenses da UNILAB em Redenção –CE, com o destaque maior para a comunidade LGBT's santomense. Na qualidade de estudante São Tomense na UNILAB, a minha entrada em campo foi facilitada pela aproximação dos/as interlocutores/as por conhecer a realidade social e por ser do mesmo solo pátrio.

Palavras-chave: Diversidade sexual, LGBTfobia, Sexualidade.

ABSTRACT

The object of this study is, from a theoretical review, to understand an entire historical and social context in São Tomé and Príncipe (STP), which allows or not the construction of public policies that defend sexual diversity. It is also intended, from the perspective of students from São Tomé, to have an understanding of how they approach their sexuality; talk about the sexuality constructed and learned by them from different socializing agents: family, community, ethnic group, school, among others. It is important to stress that sexual diversity is a very sensitive issue in the country in question and, in a way, there is a huge silence regarding the LGBTQI+ community. Is there any law that protects the right to sexual diversity? Specifically, does such a law promote respect and acceptance of the LGBTQI+ population? Does social discrimination based on sexual orientation or gender identity continue to be a problem for São Toméan society? Does STP have the constitutionally right to free sexual orientation? The methodological approach adopted in this study is qualitative, with an emphasis on ethnography, and from this, instruments and techniques for collecting qualitative data were triangulated: semi-open questionnaire and semi-structured interview. Our physical and geographic field is the University of the International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia, UNILAB – Campus de Redenção – CE. The subjects of the research are the São Toméan students at UNILAB in Redenção –CE, with the greatest emphasis on the LGBT community in São Tomé. As a São Tomense student at UNILAB, my entry into the field was facilitated by the approach of the interlocutors, knowing the social reality and being from the same homeland.

Keywords: Sexual diversity, LGBTphobia, Sexuality.

LISTA DE SIGLAS

CE – Ceará

STP - São Tomé e Príncipe

UNILAB – Universidade da integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira.

PALOP – Países africanos da língua oficial portuguesa.

CPLP – Comunidade dos Países da Língua Portuguesa.

PIB – Produto Interno Bruto.

IBGE – é a sigla do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, uma organização pública responsável pelos levantamentos e gerenciamentos dos dados e estatísticas brasileiras.

LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO DEBATE EM CAUSA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BRASIL E STP.....	17
3. A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES SANTOMENSES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Através da presente monografia, a partir de revisão teórica, compreender todo um contexto histórico e social em São Tomé e Príncipe (STP), que permite ou não a construção de políticas públicas que defendam a diversidade sexual. Também se pretende, a partir da perspectiva de estudantes são tomenses, ter um entendimento como estes abordam sua sexualidade; falar sobre a sexualidade construída e aprendida, por estes, a partir de diferentes agentes socializadores: família, comunidade, grupo étnico, escola entre outros. O nosso campo de estudo, conforme já mencionado, é a UNILAB.

A UNILAB está situada no município de Redenção (Campus de Liberdade e Campus das Auroras) e Acarapé (Campo de Palmares) e na Bahia (São Francisco de Conde) –CE – Brasil, sendo o campo de estudo desta pesquisa e os/as sujeitos são os/as estudantes santomenses da referida Universidade (Campus da Liberdade e Campus dos Palmares).

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que foi criada em 2010 durante mandatos do governo Lula, sendo uma cooperação internacional entre Brasil e África tem parceria com os países da CPLP. Timor Leste (Continente Asiático), Portugal e os países que fazem parte da PALOP, são: São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola, Guiné Bissau e Moçambique.

O objetivo inicial da Unilab era tornar-se a principal instituição de ensino superior no espaço da lusofonia, servindo, desta forma, de elemento agregador e integrador de toda a comunidade lusófonas. Em sua plenitude, a UNILAB acolherá cinco mil estudantes de graduação, mestrado e doutorado presenciais e terá corpo docente composto por 300 professores, sendo 150 permanentes (efetivos) e 150 temporários (visitantes), preferencialmente nativos dos países da CPLP.

Conforme a Exposição de Motivos, a Universidade criada pelo projeto em questão cumpre o objetivo de expansão e de interiorização da rede de ensino superior, aproximando a universidade da população, ao mesmo tempo em que se promove a cooperação com o desenvolvimento dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Faz-se necessário, dessa forma, a criação de uma instituição específica que articule as relações acadêmicas internacionais entre o Brasil e os demais países

da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e da África. (Projeto de Lei n.3.891 de 2008).

A sua missão institucional, segundo sua lei de criação, no seu artigo 2º é: A Unilab terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

No município de Redenção foi construído o primeiro campus da UNILAB chamado de liberdade que fica situado a 55 quilômetros de Fortaleza, capital do estado de Ceará, recebeu esse nome por ter sido a primeira cidade brasileira a libertar todas as pessoas escravizadas. Este fato histórico aconteceu no dia 25 de março de 1884, antes da existência de **Lei Áurea** assinada pela Princesa Isabel e a partir dessa data ficou promulgado o artigo 18 da constituição Estadual como dia da **consciência negra**.

As cidades Brasileiras de Redenção e Acarape estão localizadas no Estado do Ceará especificamente na Região do Maciço de Baturité localizações estas que habitam os sujeitos santomenses que serão interlocutores/as desta pesquisa.

Segundo IBGE Redenção é uma cidade com área de 225,821 km², sendo pequena com uma população de 26.415 habitantes no último censo (2010) em sua maioria em situação de pobreza conforme o índice de desenvolvimento humano municipal (2010) de 0,626 e em 2014, tinha um PIB per capita de R\$ 8.787,03.

No que diz em termo da infraestrutura apresenta 17,6% de domicílios com esgotamento sanitários adequado, 91,4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização e 0,6% de domicílios urbanos em vias pública com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio)¹ não encontra nessa cidade Shopping, cinema, parques, Hotéis requintados, arranha céu, mas tem seus lugares turísticos e históricos de reconhecimento nacional e até internacional pelo pioneirismo da libertação das pessoas escravizadas, casarões e museus que nos aproximam do passado.

¹ <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=231160>

Destacamos neste contexto o Museu Senzala localizado em frente ao campus da liberdade que se trata de uma antiga fazenda que conserva a casa grande a senzala com mobília e documentos que revelam o vivenciado no passado. Neste mesmo espaço ainda é produzida a cachaça artesanal fonte de renda principal do período colonial. Isto faz com que Redenção receba constante visitantes para conhecer sua história que interfere na história do país.

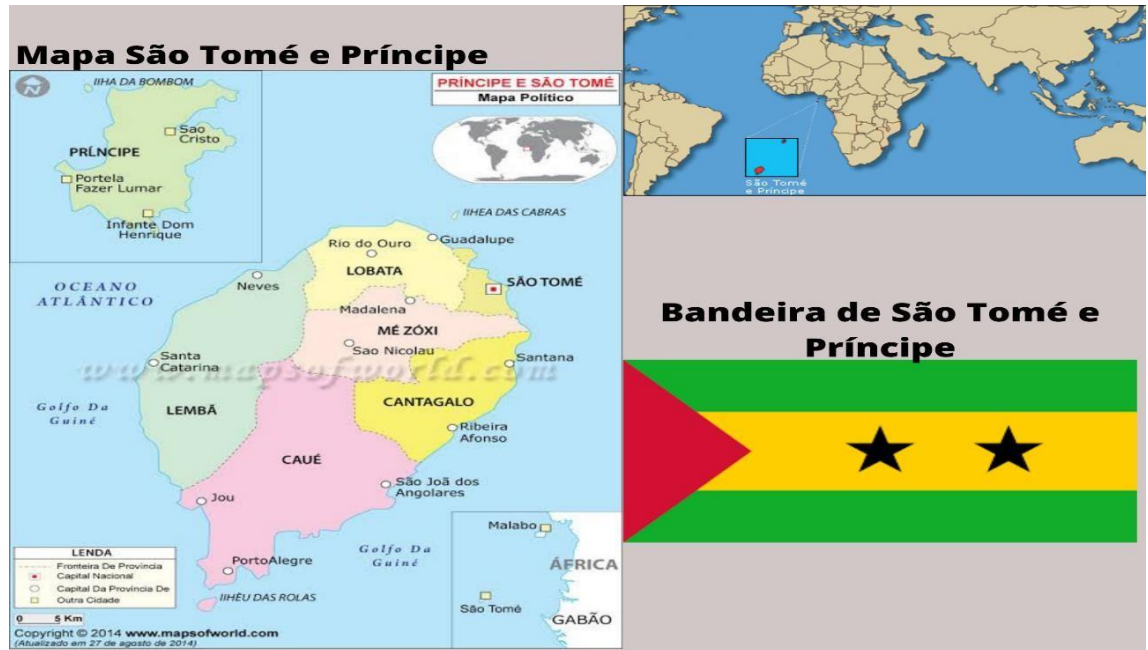
No município de Acarape encontra o outro Campus da UNILAB onde será desenvolvido o estudo chamado Campus dos palmares. O município de Acarape segundo IBGE² em 2010 teve uma densidade demográfica de 98,52 habitantes por quilometro quadrado, o mesmo tinha 15,338 habitantes no último censo (2010), mas em 2016 obteve uma população estimada de 16.418 pessoas. Em termo de economia do município, em 2014 o PIB per capita era de 7.068,22 R\$ e o índice do desenvolvimento humano municipal (2010) é de 0,606.

De acordo a IDH do município podemos constatar que é uma cidade de extrema pobreza, com apenas 14 estabelecimentos de saúde SUS (2009) numa área da unidade territorial de 155,169 km². O município apresenta 40.1% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 69.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimento e meio-fio). (IBGE 2010).

Estes são os locais onde o estudo foi desenvolvido, mas os/as interlocutores/as do trabalho serão Africanos de STP, país que é constituído por duas ilhas que ficam localizado no golfo da Guiné a cerca de 300 km da costa ocidental de África, com uma dimensão territorial de 1001km², com cerca de 190.428 habitantes.

As ilhas foram descobertas por navegadores portugueses João de Santarém e Pedro Escobar, sendo a ilha de São Tomé no dia 21 de dezembro de ano 1470 e tem uma dimensão de 859 km² e a ilha de Príncipe em 17 de janeiro de 1471, com dimensão territorial de 142km².

² <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=230015&search=ceara|acarape>



São Tomé e Príncipe um país rico em diversidades culturais originados de vários povos de raças, costumes e etnias deferentes dos países da África que lá estiveram presente, como por exemplo Cabo Verde, Angola, Moçambique a título de trabalho contratado. Com essa miscigenação toda, deu-se nascimentos a muitas coisas que tem no país hoje em dia, a famosa gastronomia, com seus pratos típicos como o calulu, molho no fogo, izaquente, soô de mata bala, a catxupa, ijogó e dentre outros.

As danças tradicionais são outros elementos forte na cultura de STP como no caso da puíta, o soco pé, o bulauê, o danço-congo, a ússua, quiná, o d'jambi, a deixa, vindes menino, auto de floripes e o tchiloli ou a tragédia do Marquês de Mântua e do imperador Carlos Magno.



Esta riqueza cultural produzida pela miscigenação tem seus limites normativos, assim como ocorre em diversos territórios mundiais principalmente quando se depara com as culturas da diversidade sexual que o silêncio impera e fazemos de conta que não existe, como se fosse algo exógeno a cultura do lugar.

Este projeto, não surgiu do nada, nem da noite para o dia ou dia para noite, a existência do mesmo teve como bagagem vários motivos convincentes e reais como a negação do fato, que não existe homossexualidades em São Tomé e Príncipe; que é um assunto muito delicado e por ser tão delicado, há pouquíssima abordagem sobre o tema.

Desta feita, trago aqui algumas falas de interlocutores meus santomenses:

Por ser conveniente. Está ainda é uma questão tabu em uma sociedade fechada e regida por ideias da família de acordo com visões religiosas. Qualquer contraste com algo que não se assemelha (como as relações entre pessoas do mesmo sexo), a princípio, gerará uma reação de negação. Obviamente que uma mudança a este cenário parte da difusão da informação e compreensão das mesmas sobre a diferença que compõe a sociedade em seus diferentes níveis de relação humana.

São Tomé e Príncipe ainda é um país que apresenta uma considerável resistência a questões do gênero, talvez por herança colonial, inexistência de espaço de discussão, intolerância social ou negligência das autoridades encarregadas de desenvolver as políticas sociais...

Ou por simplesmente não aceitarmos ou não estarmos prontos para a ideia de que, isso em nossa perspectiva patriarcal e "Alfa" (uso o termo em substituição ao machista, pois não me agrada), exista relacionamento homossexuais. Acredito que seria razão de vergonha. Mas existe. Pois a orientação sexual talvez seja uma condição pré atribuída a existência. "Então neguemos" e problema resolvido.

Eu acredito que há essa "negação" porque tem a ver com a questão do patriarcado, a gente foi reeducado pela questão colonial, pelo menos em São Tomé e Príncipe nós não temos questões étnicas, então nós somos mais conservados no sentido da questão patriarcal, o pai, o homem, o machão, logo a homossexualidade ela está associada a feminização do homem, por isso há sempre essa negação de maricas³.

A palavra patriarcado vem através da combinação de palavras de origem grega, *pater*, que significa pai; e *arkhe*, que significa origem ou comando. Sobretudo, de modo literal, a palavra patriarcado significa a autoridade do homem através da figura do pai.

³ Interlocutor 1. Todos os meus interlocutores são nomeados a partir de números: Interlocutor 1, interlocutor 2 e assim por diante. Tal designação se deve ao compromisso de manter em anonimato seus nomes e o contexto das entrevistas/diálogos.

Percebi com as respostas dos entrevistados/as que maioria das justificavas dessa negação atrelava por questão cultural e por sociedade santomense ser patriarcal e conservadora. E tudo que foge o padrão social de que uma família só se forma através de um homem e uma mulher é inexistente para a sociedade santomense. Outra parte dessa negação esta associada a questão religiosa.

STP é um país com muita influência da igreja católica, e por um tempo o cristianismo dominou o mundo ditando o que seria certo ou errado. STP não fica de fora desse domínio e também é um país com uma população que vive a base de ensinamentos e crenças deixado pelos seus ancestrais ou mais velho. Com tudo a homossexualidade é vista como coisa do diabo ou uma doença da cabeça, em que tentam curar os ditos homossexuais com rezas (exorcizar o diabo que esta possuindo a vítima) ou levando pra psicólogos ou psiquiatras. Até usam a bíblia dizendo que Deus criou o homem e a mulher pra procriarem, como justificativa pra essa negação da maior parte da sociedade inserida no país. (VILHETE, 2021)

Depreende-se a partir do relato do interlocutor acima mencionado que em STP o machismo pode ser tão forte a ponto de está desenvolvendo a LGBTfobia⁴ sexismo⁵ e a xenofobia⁶. Isto está associado à minha experiencia pessoal, fui educado a pensar o homem como sendo a figura mais importante da casa; aquele que não tem hora para sair ou para chegar. Na ausência do pai é o filho quem dar as ordens, o mesmo é criado para ser o homem da casa (macho alfa).

Existe alguma lei que proteja ou proíbe aceitação dos homossexuais? A discriminação social baseada na orientação sexual ou na identidade de gênero continua a ser um problema para a sociedade santomense? Em São Tomé e Príncipe há constitucionalmente o direito à livre orientação sexual? A escolha dessas questões é muito importante para saber em que situação, em que rumo, em que caminho a diversidade sexual se encontra em STP.

A orientação sexual é uma categoria que está relacionado com as diferentes formas de atração afetiva e sexual de cada um. A mesma se classifica em três tipos:

⁴ A LGBTfobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aqueles(as) que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos do mesmo sexo (práticas homoeróticas). Atuando como forma específica do sexismo, a LGBTfobia rejeita, igualmente, todos(as) aqueles(as) que não se conformam com o papel de gênero predeterminado para o seu sexo biológico.

⁵ Sexismo é o ato de **discriminação e objetificação sexual**, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.

⁶ O termo xenofobia se originou na psicologia e é utilizado para designar uma doença: o medo patológico de estrangeiros. Enquanto patologia, a xenofobia se constitui em um medo ou aversão irracional, sem motivos justificáveis. No entanto, atualmente, o termo faz referência a outro fenômeno: os casos de preconceito, discriminação e violência física contra estrangeiros; tudo isso baseado em um discurso não irracional, mas sustentado (principalmente) por ideais de nacionalismo

- Heterossexual: quando uma pessoa se atrai por um gênero diferente do seu (homem-mulher)
- Homossexual: quando a atração ocorre entre pessoas do mesmo gênero. Nessa categoria estão as lésbicas (atração e relacionamento entre mulheres) e os gays (afetividade e atração entre homens).
- Bissexual: quando a pessoa se sente atraída por ambos os gêneros: feminino e masculino.

Quanto a identidade de gênero é um conceito que está relacionado com o sentimento que alguém possui sobre si mesmo, independentemente de sua anatomia ou sexo biológico.

Temos: transgêneros ou transexuais que são pessoas que nascem com um gênero biológico específico e não se identificam com ele e submetem a cirurgias para modificar o sexo. E também temos os travestis que possuem uma identificação com o gênero oposto ao do nascimento, porém não se submetem a cirurgias de mudança de sexo, mas possuem mudança no comportamento que a pessoa desempenha na sociedade (mulher que se comporta e vesti como homem e vice-versa) – (DIANA Juliana. Toda Matéria; 2018)

Isso posto, ressalvo que é necessário fazer uma leitura cuidada a partir de percepções sobre orientação sexual de são tomenses, de suas experiências e educação sexual obtidas pela socialização contínua através de múltiplos, distintos e diferenciados agentes socializadores. O objetivo de tal leitura responde parcialmente, se existem estigmas e estereótipos em relação às sexualidades outras não hétero. Assim sendo temos como objetivo geral *compreender a pré-disposição para construção de políticas públicas que defendam o direito à diversidade sexual em São Tomé e Príncipe*. Especificamente, pretendo o seguinte:

- Perceber a partir do convívio entre estudantes santomenses na Unilab o respeito à diversidade sexual;
- Analisar como os estudantes santomenses percebem a diversidade sexual a partir de suas experiências com contato com agentes socializadores distintos;
- Identificar instrumentos jurídicos que defendem especificamente a população LGBTTT em São Tomé e Príncipe.

O que motivou a construção da presente monografia foi as seguintes inquietações: Existem políticas públicas que defendam a diversidade sexual em S.T.P? Em caso de uma resposta positiva, a existência da mesma condiciona o debate sobre direitos da população lgbt na sociedade são tomense?

Ao pesquisar sobre políticas públicas que defenda a diversidade sexual em S.T.P, praticamente não achei nada, foi ler o código penal de S.T.P somente vi um trecho que falava de atos homossexuais com adolescentes: “– Quem, sendo maior, praticar atos homossexuais de relevo com menor entre 14 e 16 anos, ou levar a que eles sejam por este praticados com outrem, é punido com pena de prisão até 2 anos ou com pena de multa até 200 dias.” (2021, pag.135). Não encontrei nenhuma lei que criminalizasse atos homofóbicos. Sobre a ausência de instrumentos jurídicos ou políticas públicas que amparem a comunidade LGBTQi+ disse-me um interlocutor:

“Não há existência de políticas relacionadas a população LGBT em STP, uma das maiores razões pela qual somos obrigados a não assumir as nossas orientações sexuais por medo do que a sociedade fará, pois se houvesse leis que defendessem causas LGBT, obviamente os que ainda vivem oprimidos e ocultos dariam cara e seriam eles próprios sem temer nada.” (RAMOS, 2021).

De acordo com a experiência da Vilhete (2021) Pessoas homossexuais são excluídas de tudo, não conseguem arranjar um emprego mesmo com diploma e são expostas a situações vergonhosas. As pessoas que eu conheço que são lésbicas moram na Europa porque a sociedade São-Tomense torna impossível você residir ou permanecer lá sendo da comunidade LGBTQI++. Pra permanecer lá tentam te obrigar a se converterem héteros.

Posto isso, como forma de responder antecipadamente a nossa pergunta de partida, aventei as seguintes hipóteses: A ausência de políticas públicas que defendam a diversidade sexual não permite que se debata na sociedade são tomense direitos da população LGBT; a falta de instrumentos jurídicos que condenem violências e ofensas às sexualidades não hetero, permitem atos homofóbicos em S.T.P.

Em termos metodológicos, conforme dito anteriormente, a abordagem é qualitativa, focada na etnografia. O campo de estudo foi UNILAB-CE e os sujeitos de pesquisa são os estudantes santomenses da referida universidade. Segundo Demo (2011) são consideradas metodologias qualitativas, por exemplo, pesquisa participante, pesquisa-ação, história oral, observação de cariz etnometodológico, hermenêutica, fenomenologia, levantamentos feitos com questionários abertos ou diretamente gravados, análises de grupo, que, como vemos,

abrigam horizontes bastante heterogêneos ou seja a pesquisa qualitativa quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes.

A pesquisa etnográfica tem origem na Antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica, tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo. Pode-se dizer que a pesquisa etnográfica tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas em profundidade e observação participante (Gil, 2010). Para auxiliar a aproximação do pesquisador aos sujeitos pesquisados foi utilizada a observação participante, uma vez que oportuniza um lugar privilegiado por facilitar a observação e a interação entre pesquisador e interlocutor/a. Segundo o White (2005):

“a observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. Assim, as informações que obtém dependem do comportamento do pesquisador e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Sua integração plena ao grupo, no entanto, é improvável, pois sempre pairará sobre ele uma atmosfera de curiosidade ou mesmo de desconfiança. E ele não pode se esquecer que é um observador que está sendo observado o tempo todo.”

Além da observação participante outra técnica utilizada neste trabalho será a entrevista com LGBTT santomenses, sendo está aberta ou fechada. A entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e interpretada. Para tanto, faz-se necessário definir os objetivos e os tipos de entrevista e como deve ser planejada e executada. Uma entrevista pode ter como objetivo averiguar fatos ou fenômenos; identificar opiniões sobre fatos ou fenômenos; determinar, pelas respostas individuais, a conduta previsível em certas circunstâncias; descobrir os fatores que influenciam ou que determinam opiniões, sentimentos e condutas; comparar a conduta de uma pessoa no presente e no passado, para deduzir seu comportamento futuro, entre outros.

O campo de estudo é a UNILAB, criada pela lei Nº 12.289, de 20 de julho de 2010. Uma instituição pública federal de ensino superior, vinculada ao Ministério da Educação, se concentra nos estados brasileiros do Ceará e da Bahia. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) nasce baseada nos princípios de cooperação solidária.

A delimitação territorial estabelecida foi o estado de Ceará, sendo presente neste os *campis* da liberdade e aurora (Redenção) e palmares (Acarape). Totalizando têm 3.613 alunos matriculados, sendo entre estes 85 alunos santomenses. Considerando o número de estudante santomense no campo em estudo, foi também construído um questionário semiaberto.

2. Uma breve contextualização do debate em causa: análise comparativa entre Brasil e STP

Como Santomense tenho percebido o quando são diversas as possibilidades de sujeitos expressarem suas sexualidades, identidades e orientações sexuais. Isto ficou mais evidente quando passei a morar no Brasil como estudante da UNILAB, pois presenciei nas ruas diferentes performatividades de gênero o que acabou causando um certo estranhamento, pois a realidade que vivenciei em STP era completamente diferente. Não quero aqui com isto dizer que não existam tais diferenças, mas que estas ficam situadas em espaços privados e se apresentam de uma forma mais discreta e tímida o que pode estar contribuindo para o silêncio e a tentativa de legitimar discursos que alimentam a ideia que na África não existe homossexualidades ou que se trata de algo exógeno como forma de justificar a violência a quem assim se identificar.

Neste complexo conjunto africano, o fato é que o discurso anti-homossexualidade – o que quer que esta categoria signifique em cada local – baseado na tese exogênica, está produzindo um quadro de recrudescimento das leis antihomossexualidade em diversos Estados. De acordo com relatório recente da Anistia Internacional (2013), pelo menos 38 países criminalizam a homossexualidade e 4 deles aplicam penas de morte (Amnesty International, 2013).⁷

Por influência de tais ações e posicionamentos não foi nada fácil vivenciar no Brasil uma cultura tão diferente e principalmente no que se refere a diversidade sexual, mas isto não ocorreu apenas comigo, mas com os meus conterrâneos e conterrâneas que em diversos momentos dialogávamos principalmente em nossa língua materna (crioulo) tais questões, pelo receio de sermos chamados atenção por estarmos as vezes criticando tais posturas como a de uma pessoa nascer de um determinado sexo biológico e se comportar em sociedade de forma discordante. Alicerçando tal discursão estava presente o pensamento religioso, pois a maior parte dos/as santomenses são religiosos/as católicos e evangélicos e a orientação sexuais que

⁷http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401973091_ARQUIVO_PorumaantropologiadahomossexualidadeemAfrica.pdf

são divergentes da heteronormatividade não é aceita e por este viés muitas práticas de correções são inventadas como forma de enquadrar sujeitos e sujeitas à norma vigente. Desta forma qualquer tentativa de subversão é condenada e isto está bem forte em nossa cultura que passa de geração em geração.

A revisão dos estudos disponíveis sugere que, ao menos em um plano normativo, há religiões em que haveria espaço para uma relativa valorização da diversidade sexual (como as afro-brasileiras), enquanto posicionamentos católicos e evangélicos expressariam a persistência de uma rejeição às práticas homossexuais, qualificadas como pecado a partir de diferentes estratégias discursivas. (Natividade & Oliveira, 2007).

Não posso com esta afirmativa negar que transformações tem ocorrido em relação às nossas tradições, pois a sociedade está em constantes transformações e com ela a cultura e crenças. Não quero também com isto dizer que existem aberturas como ocorre aqui no Brasil, mas que é perceptível as mudanças devido a necessidade de trazer à tona tais sujeitos e sujeitas considerados/as “desviantes” como por exemplo no tratamento e prevenção ao vírus da AIDS onde estes têm lugar e existência, mesmo que seja em um campo perigoso. Perigoso pelo fato de que na década de 80, por exemplo, no Brasil as homossexualidades conseguem também ter visibilidade pelo viés da AIDS entendida na época como “câncer gay”. Equívoco este capturado por muitos fundamentalistas e preconceituosos para justificar que a doença era um castigo divino para exterminar as homossexualidades.

Assim a referida doença foi entendida como “câncer gay” e ao mesmo tempo que tentava devastar as homossexualidades trazia à tona e a público outras práticas, performatividades e corpos sexuados que problematiza a heterossexualidade.

A partir da AIDS, como acontecimento discursivo, no início da década de 1980, os sujeitos homossexuais imersos em um silêncio constitutiva, em se tratando de imprensa de circulação nacional, passam a ser discursivizações, quase de forma generalizada, pelos meios de comunicação, numa relação causal com vírus da imunodeficiência adquirida. A AIDS, como um acontecimento discursivo produziu também outros deslocamentos. O maior deles que se pode perceber nas mídias em relação há duas décadas, sobre os sujeitos homossexuais, é, sem dúvida, as respostas imediatas sobre quaisquer manifestações contrárias aos direitos e aos modos de vida desses sujeitos. (Soares, 2012).

O medo do contágio da doença pode ser usado como forma de justificar o distanciamento de pessoas que se posicionam como não heterossexuais. Sabemos que a AIDS não é um “câncer gay” ao contrário do que muitos desejariam que fosse, mas uma doença que qualquer pessoa independente da identidade de gênero e orientação sexual dos/as indivíduos/as.

A vivência de nós estudantes santomenses na UNILAB, espaço este de multiplicidades culturais e espaço de convivência e vivências diversas, possibilitar problematizarmos nosso lugar de origem, nossos costumes e culturas.

As formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura. É relevante refletir sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa cultura coloca para a sexualidade. É relevante refletir sobre os modos como se regulam se normatizam e se vigiam os sujeitos de diferentes gêneses, raças e classes nas suas formas de experimentar prazeres e desejos, refletir sobre as práticas que tais sujeitos põem em ação para responder a esses desejos, as práticas que acionam para se constituírem como homens e mulheres. (Louro, 2007)

Assim, cada cultura impõe sua forma de se relacionar e foi perceptível isto na relação direta com a diversidade sexual brasileira, pois possibilitou um estranhamento que culminou em uma curiosidade em entender tais comportamentos considerados “desviantes ou desviados”.

Abrir esta possibilidade de compreensão foi que surgiu a ideia de desenvolver este projeto que se apresenta como um grande desafio a ser superado em trabalhar com uma temática tão complexa. Complexa não apenas por estar sendo tratada por um africano na condição de pesquisador, mas complexa por estar provendo transformação sociais através da ruptura do pensamento hegemônico tradicional e conservador.

Não por acaso ao mesmo tempo que o Brasil apresenta de forma liberal as diversidades sexuais nas ruas e demais lugares é considerado o país que mais mapa a população LGBTTT no mundo. Este paradoxo relação o quanto é complexo tal temática e quanto é urgente a criação de formas de combate a referida violência que exterminas vidas em função de crenças, tradições, preconceitos e discriminações.

Sobre a LGBTTT em S.T.P, desse-me um interlocutor:

“A sigla não é tão extensa. Se resume Lésbicas e gay's. Ainda é uma questão de pouca visibilidade e baixa aceitação. Só me lembro de três exemplos de gay's em território nacional e apenas especulações com relação às lésbicas. Respondo considerando minhas vivências em STP. Mas obviamente, em países com maior liberdade de expressão talvez os São-Tomenses se sentam mais à vontade para seguir suas orientações sexuais. Talvez por isso se tenha mais casos assumidos na diáspora do que no país.

A mesma narrativa é sustentada por Vilhete⁸ ao questionar uma representatividade ou uma comunidade LGBTQI+ no país. Vilhete afirma, a partir de sua experiência, o país é preconceituoso e discrimina a LGBTQI+. Diz Vilhete: “sou uma mulher descobrindo minha sexualidade e não uso vestidos ou saia, fui de férias em fevereiro de 2020 para STP e lá eu fui perseguida por algumas pessoas na cidade capital questionando se eu era homem ou mulher”.

Ainda de acordo com Vilhete, citando as falas homofóbicas: “isto é, mulher ou homem? Se for mulher, a mulher não pode ter pelos na perna nem barba no rosto – mostra como existem estéticas idealizadas sobre a apresentação dos corpos masculinos e femininos.

Em um outro diapasão, outro interlocutor aponta que a sociedade santomense é complexa e que LGBTQI+ seria uma causa importante de discussão, mas diz que em STP a gente ainda está preocupada com questões mais básicas possível como alimentação; energia em casa e água. E sobre a questão de LGBTQI+ o interlocutor acha que ainda não é pouco discutida.

Não é somente uma questão teórica, também vivenciei e presenciei momentos em que a lgbtfobia se manifestou e se fez presente em várias pessoas que conheço. Durante ensino médio principalmente muitas vezes na roda de conversa entre os amigos quando reparávamos presença de um homem (gay) com comportamentos e movimentos que julgávamos estranho como a palma da mão apontado para chão e com um andar meio afeminado a nossa lgbtfobia se manifestava com frases típicas como “olha aquele ‘gaju’(rapaz) falta de porrada pra virar homem”, “levar gaju pra tropa pra ver se ele não vira homem de verdade” piadas engraçadas como “marica”, “paninas”, “bichas”, “veado”.

Ao questionar um santomense gay assumido e que todos conhecem, sobre como os santomenses percebem a sociabilidade dos homossexuais em S.T. P, afirmou:

“São-tomense na sua maioria não fazem inclusão dos homossexuais na sociedade, somos parte rejeitada da sociedade na qual temos que viver oprimidos. A diversidade sexual é vista como se fosse uma abominação, ninguém aqui é livre pra escolher ser de outro padrão sexual além do ‘heterossexualismo’, o ‘lesbianismo’ e os trans devem ser vistos como diabos na terra... Não digo que ainda é um tabu pra eles, pois o mundo está muito globalizado e são coisas que têm conhecimentos ao respeito, porém preferem guardar o espírito conservador e arcaico.”

Com o intuito de conhecer como funciona o dispositivo da Sexualidade e como as instituições atuam produzindo corpos e discursos, dialoguei com parte dos estudos de Michel

⁸ É o único dos nossos interlocutores que pediu para usar um nome fictício. Um nome que espelhasse sua forma de ver o mundo. Escolheu o nome Vilhete. A partir de observação participante, presenciei, ouvi, interagi com Vilhete vivendo o seu cotidiano. Foi uma experiência etnográfica que aconteceu desde fevereiro de 2021 até junho do mesmo ano.

Foucault, principalmente com os três volumes da História da Sexualidade, Vontade de Saber, O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si. Mas, também foi importante fazer uma relação com Vigiar e punir: nascimento da prisão e A Ordem do Discurso, tentando perceber como algumas ideias sobre gênero e sexualidade já estavam presentes nesses estudos.

Nessa mesma linha, pensando de uma maneira mais geral, aprofundi-me nos trabalhos de Judith Butler e Michel Foucault sobre as relações de poder. A teoria desses autores traz à tona temas como identidade, sujeito e essência, tão comuns na teoria e no movimento feminista. As suas escritas são exercícios de crítica às noções de identidade, é por isso que estão preocupada com os sujeitos, querem pensá-los de outro jeito, longe das naturalizações, das essencializações e das sacralizações. Ao trazer as discussões éticas para o campo das teorias de gênero e da sexualidade, levando essas e outras questões para o campo da filosofia política e da filosofia moral, eles questionam a maneira como lidamos com essas categorias identitárias.

O livro “Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade” tratam exatamente sobre essas questões, questionando a relação entre sexo, identidade e política (Judith Butler, 2003). As pesquisas de Michel Foucault e Judith Butler, que parte da filosofia da diferença, surgem como uma crítica às políticas de identidade, que foram (e continuam sendo) tão importantes para o movimento feminista e LGBT. Uma coisa é pensar o sexo e o gênero na década de 1960, outra coisa, totalmente diferente, é pensar através das novas discussões que surgiram através das ressonâncias políticas, culturais e científicas da segunda metade da década de 1960.

Como lembram Durval Muniz de Albuquerque Júnior et al (2016), não faz muito tempo que os historiadores e historiadoras começaram a dialogar com as “sexualidades disparatadas”, demorando muito para começar a dialogar com essa filosofia. O que é mais comum de perceber são os “silêncios de Clío” na “escrita da história”, provocando as “(in)visibilidades das homossexualidades no Brasil”. Como aponta Elias Veras (p. 90 – 109, 2015) esses estudos eram mais comuns na antropologia, na sociologia. Partindo dos estudos de James Green eles apontam a importância dos trabalhos de Peter Fry, Luiz Mott, João Silvério Trevisan. A partir dos anos setenta uma série de estudos começam a surgir com destaque para a antropologia que fez várias pesquisas de cunho etnográfico sobre as homossexualidades. O que Elias Veras e Joana Pedra se perguntam é porque a historiografia, que fala tanto em novos temas e novas abordagens, demorou tanto para pensar essas questões. A conclusão a que eles chegam é que, para além de outras dificuldades, existe uma decisão política.

Se durante décadas os historiadores e as historiadoras se negaram a trabalhar com o tema das homossexualidades, por considerar uma questão menor, imagine o que aconteceu com os estudos que pensam as homossexualidades nos países do continente africano. Essa abordagem já estava presente, direta ou indiretamente, nos estudos de brasileiros que se debruçaram sobre a colonização, como em “Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, de João Silverio Trevisan, assim como em *O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos Nas Garras da Inquisição, Escravidão, Homossexualidade e Demonologia, Bahia: Inquisição e Sociedade*, de Luiz Mott.

Ao estudar a sexualidade no período colonial, na época da invasão e do tráfico de escravos eles descobriram que as práticas que hoje chamamos de homossexuais não eram recentes, que elas já existiam entre os indígenas e entre os povos africanos. Na visão desses autores o que teria surgido com a colonização não foi a prática que hoje chamamos de homoafetiva, foi a homofobia, instaurada pelo sistema colonial e pela religião católica, no caso do Brasil, e/ou mulçumanas, nos países da África.

É por isso que é tão importante ler os trabalhos de autores que falam sobre as homossexualidades nos países da África. Um exemplo desse tipo de produção está sendo realizado por Francisco Paulo Vieira Miguel que defendeu a dissertação “Levam má bô”: (homo)sexualidades entre os sampadjudus da Ilha de São Vicente de Cabo Verde. Partindo de autores brasileiros, como Luiz Mott, e da pesquisa empírica, ele fala sobre a importância e os limites desses estudos. O que o ele argumenta é que não se pode estudar as homossexualidades em África da mesma forma que se estuda em outros continentes, que é preciso levar em consideração as particularidades da história local, para perceber como acontecem as práticas sociais que possibilitam ou impossibilitam os discursos e a escrita sobre as homossexualidades.

Para Miguel (2014) é preciso entender como se construiu o mito de que na África não existe homossexuais ou que só passou a existir depois da colonização. Mas, não basta tentar reproduzir a cartilha dos movimentos sociais da Europa e dos EUA, é preciso entender como acontece as homossexualidades em Áfricas para perceber os entraves das políticas de direitos humanos nesse continente. Não é possível construir políticas ou pesquisas de impacto positivo sem levar em consideração as especificidades de cada local. Mas, também precisamos fazer o discurso inverso, tentando perceber como o fechamento na tradição pode inviabilizar qualquer diálogo com as políticas de transformação social.

Foi pensando nessas questões que Luca Bussotti e Antônio Tembe escreveram o artigo a “Homossexualidade na concepção afrocentrista de Molefi Kete Asante: entre libertação e

opressão”. Enquanto Miguel mostrou que os colonizadores, responsáveis pela exploração dos países africanos, criaram a homofobia, Bussotti e Tembe argumentam que o pensamento afrocentrista, que surgiu como tentativa de colocar os estudos sobre a África no centro do debate, alimentou o discurso dos colonizadores que eles tanto criticaram. Ao negar a existência das homossexualidades, reproduzindo o mesmo discurso patológico das autoridades governamentais e das autoridades religiosas, os afrocentristas ajudaram a legitimar o preconceito. O grande desafio dessa pesquisa é encontrar um meio termo entre a política global e a história local e entre os estudos americanos e europeus e os estudos africanos.

3. A percepção dos estudantes Santomenses sobre homossexualidade

Com a vinda dos estudantes santomenses para Brasil (UNILAB) e com contato direto ou indireto com a cultura brasileira e a diversidade sexual que se encontra na Universidade e aos redores do maciço influenciou em alguns estudantes uma ruptura de pensamentos e mudanças de comportamentos em relação as homossexualidades enquanto alguns preferiram manter o distanciamento e preservar suas ideologias.

Uma interlocutora minha indagou que tinha uma percepção diferente e muito preconceituosa porque nossa sociedade (STP) não nos permite enxergar a homossexualidade de forma mais empática. Continuando disse, a UNILAB lhe possibilitou ver as coisas de outras formas, sinceramente foi muito difícil e ainda está sendo essa adaptação. Ainda de acordo com a mesma, agora podia dizer que respeito as orientações sexuais do outro, porque parei e pensei, se eu quero que respeitem minha cor então tenho que apreender a respeitar a decisão do outro.

Observa-se que a interlocutora coloca a necessidade de não rotulação, mas sim da aceitação. Entretanto, quando se fala de gênero as categorias de auto-identificação é vasta, das quais a grande maioria eu desconheço. Acredito que se resume a uma autoafirmação e respeito dos demais.

Nessa mesma linha, outro interlocutor pontou que cada um é livre para viver a vida que quer, não cabe a ninguém interferir. E que devemos respeitar a orientação sexual de cada um.

O mesmo interlocutor contou que nunca estabeleceu contato com agentes socializadores que fazem parte dessa diversidade sexual outras não hetero.

Os comportamentos dos indivíduos são culturais, resultado da integração dos valores, das normas sociais e dos papéis sociais. O ser Humano se identifica com as pessoas que estão ao seu redor: pais, amigos e também os personagens da televisão e vão reproduzir os comportamentos destas pessoas que são valorizadas por ele. Dito isso pra mim que venho de uma sociedade preconceituosa, levei um choque de realidade ao chegar na Unilab e ver que existe uma grande diversidade sexual no Brasil e é aceitável contrário de onde cresci. E também pude perceber que na Unilab eu tinha a liberdade de ser o que eu fosse e pude apreender sobre a diversidade sexual com os alunos da comunidade LGBTQI+.⁹

Esta aprendizagem não apenas teórico oportunizado pela academia, mas também físico ao estabelecermos contato direto nas relações interpessoais com a população LGBTTT existente nos Campus da referida universidade nos permite uma melhor compreensão e proporciona inclusive uma transformação na forma que percebemos este universo.

“Eu compreendo essas questões pouco mais a fundo. Quando eu cheguei em 2014, eu não compreenderia como compreendo hoje, eu diria que era homo fóbico não praticante e hoje ainda luto contra isso porque você sendo homo fóbico ou não querendo ser, há umas questões que são automáticas do teu cérebro, você prossegue com brincadeiras que você acha que são engraçadas, como por exemplo em S.T.P quando um menino chora, a gente diz “você está chorando como mulher”, são questões que a gente usa para justificar e enquanto você não perceber que essas situações não são engraçadas e que elas não devem ser ridicularizadas porque fazendo isso, você está sendo homo fóbico. Quando não percebes isso você é homofóbico mesmo até não sendo praticante devido automatização, eu hoje percebo isso, então sou mais maduro...”¹⁰

Para outros colegas de STP que também estudantes da UNILAB as crenças funcionam como cimento que tenta manter as estruturas inabaláveis entendendo o oposto se distanciando e criticando qualquer pessoa que não se enquadre na heteronormativa. Mas apesar da tentativa de manter as estruturas inabaláveis o fato que nunca seremos mais os mesmos após a experiência que vivenciamos na UNILAB. Assim, entendo que este trabalho ao ser posto em prática servirá para que tenhamos uma tomada de consciência que possibilite uma reflexão e mudança de

⁹ Interlocutor 2. Entrevista realizada em Acarape, em 21 de Março de 2021.

¹⁰ Interlocutor 3. Entrevista realizada em Abolição, em 22 de Março de 2021.

comportamento não apenas no Brasil, mas em nosso país de origem para o respeito a diversidade sexual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero com esta monografia desenvolver uma compreensão mais complexa em relação à percepção de estudantes santomense, da Unilab, sobre a diversidade sexual em STP. Apesar da dificuldade de compreensão inicial sobre a diversidade sexual brasileira, alguns entre nós, santomenses, experienciamos o cotidiano na tentativa de compreender e estabelecer interligações com a realidade que vivenciamos em STP. Esta aprendizagem não é apenas teórica, oportunizada pela academia, mas também física, emocional e empática. Ao estabelecermos contato direto nas relações interpessoais com a população LGBTTT existente nos Campus da referida universidade, criamos uma melhor compreensão e, proporciona inclusive, uma transformação na forma que percebemos este universo. Para outros colegas de STP que também são estudantes da UNILAB as crenças funcionam como cimento que tenta manter as estruturas inabaláveis entendendo o oposto se distanciando e criticando qualquer pessoa que não se enquadre na heteronormativa. Mas apesar da tentativa de manter as estruturas inabaláveis o fato que nunca seremos mais os mesmo após a experiência que vivenciamos na UNILAB. Assim, entendo que este trabalho ao ser posto em prática serve para que tenhamos uma tomada de consciência que possibilite uma reflexão e mudança de comportamento não apenas no Brasil, mas em nosso país de origem para o respeito a diversidade sexual

9. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Adriano Henrique Caetano; JOCA, Alexandre Martins; LOIOLA, Luís Palhano. **Desatando nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual**. Edições. Fortaleza: UFC, 2009.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 2009.

GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo, Editora da UNESP, 2000.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro. **Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores**. ISSN 1984-6487 / n.2 - pp.121-161, 2009.

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A construção de identidade sexual, a invenção do feminino**. EID&A- Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.2, p. 5-14, maio. 2012.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro, Record, 2011.

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=750664

<https://www.todamateria.com.br/orientacao-sexual/> 07/09/2021.